

Deus e a Lógica

Gordon Haddon Clark

Tradução: Mateus Alves da Mota¹

Ao pensar sobre Deus, os Calvinistas quase que imediatamente repetem o Catecismo Menor e afirmam: “Deus é um espírito, infinito, eterno e imutável”. Talvez não paremos para clarificar nossas idéias sobre “espírito”, mas nos apressamos para os atributos de “sabedoria, santidade, justiça, bondade e verdade”. Mas pare: Espírito, Sabedoria, Verdade. O Salmo 31:5 refere-se a Deus como “SENHOR, Deus da verdade”. João 17:3 diz: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro”. 1 João 5:6 diz: “o Espírito é a verdade”. Versículos como esses indicam que Deus é racional, um ser pensante, cujos pensamentos exibem a estrutura da lógica aristotélica.

Se alguém objeta à lógica aristotélica neste sentido – e presumivelmente ele não deseja substituí-la pela lógica simbólica de Boolean-Russel – que ele pergunte e responda se é verdade para Deus que se todos os cachorros têm dentes, alguns cachorros, *speniels*, têm dentes? Aqueles que contrastam esta “lógica meramente humana” com a lógica divina querem mesmo dizer que para Deus todos os cachorros podem ter dentes enquanto os *speniels* não o possam ter? Similarmente, agora com a aritmética “meramente humana”: Dois mais dois é igual a quatro para o homem, mas acaso seria onze para Deus? Desde o momento em que Bernardo desconfiou de Abelardo, tem sido uma marca de piedade, em alguns círculos, menosprezar a “razão meramente humana”; e no presente tempo, autores neo-ortodoxos existencialistas objetam a inferências “estritas” e insistem que a fé deve “controlar” a lógica. Assim eles não apenas se recusam a fazer da lógica um axioma, mas se dão ao direito de repudiá-la. Em oposição a esta última visão, o argumento seguinte continuará a insistir na necessidade da lógica; e no que diz respeito à opinião segundo a qual as Escrituras não podem ser axiomáticas porque a lógica o deve ser, será necessário explicar em maior detalhe o significado da revelação das Escrituras.

Agora, visto que, neste contexto, a revelação verbal é uma proveniente de Deus, a discussão terá início com a relação entre ele e a lógica. Posteriormente tratar-se-á da conexão entre esta e as Escrituras. E, finalmente, o debate se voltará àquela enquanto existente no próprio homem.

Lógica e Deus

Será melhor começarmos chamando a atenção para algumas das características que as Escrituras atribuem a Deus. Não há nada de espantoso na consideração que diz ser Deus onisciente. Trata-se de um lugar comum na teologia cristã. Mas, além disso, ele é eternamente onisciente. Ele não aprendeu seu conhecimento. E visto que existe *per se*, independente de qualquer coisa, serve a Si mesmo como fonte de Seu conhecimento. Essa idéia importante tem uma história.

¹ Traduzido em Novembro/2006.

Ao início da era Cristã, Filo, o sábio judeu de Alexandria, fez um ajuste à filosofia de Platão a fim de conformá-la à teologia do Antigo Testamento. Platão baseou seu sistema em três princípios originais e independentes: o Mundo das Idéias, o Demiurgo, e o espaço caótico. Embora ambos fossem igualmente eternos e independentes entre si, o Demiurgo moldou o espaço caótico neste mundo visível usando as Idéias como modelo. Assim, em Platão o Mundo das Idéias não é apenas independente, mas mesmo superior, em um sentido, ao criador dos Céus e da Terra. Este está moralmente obrigado, e de fato se submete voluntariamente às Idéias de justiça, homem, igualdade e número.

Filo, todavia, diz: “Deus tem sido categorizado de acordo com o um e a unidade; ou antes, até mesmo a unidade tem sido categorizada de acordo com o único Deus, pois todo número, como o tempo, é mais jovem que o cosmos, enquanto Deus é mais velho que este e o seu criador”. Isso significa que Deus é a fonte e o determinador de toda a verdade. De maneira geral, os cristãos, mesmo aqueles não instruídos, entendem que a água, o leite, o álcool e a gasolina congelam em temperaturas diferentes porque Deus os criou dessa forma. Ele poderia ter feito um fluído tóxico congelar à temperatura de zero Fahrenheit, bem como o produto da vaca à de quarenta. Mas Ele decidiu de outra forma. Portanto, por trás do ato da criação existe um decreto eterno. Foi propósito de Deus que houvesse tais líquidos, e, assim, podemos dizer que as particularidades da natureza foram determinadas antes de sua própria existência.

Similarmente, em todas as outras variedades da verdade, Deus deve ser considerado soberano. É seu decreto que estabelece uma proposição como sendo verdadeira e outra falsa. Quer seja ela física, psicológica, moral ou teológica, é Deus quem a fez dessa forma. Uma proposição é verdadeira porque Ele a pensou dessa forma.

Talvez a fim de se obter ainda mais certeza, um exemplo provindo de documentação das Escrituras possa ser apropriado. O Salmo 147:5 diz: “Grande é o nosso SENHOR e de grande poder; o seu entendimento é infinito” (RC). Se não podemos concluir estritamente a partir desse versículo que o poder de Deus é a origem de seu entendimento, ao menos não há dúvida de que sua onisciência é afirmada. 1 Samuel 2: 3 diz: “O SENHOR é o Deus da sabedoria”. Efésios 1: 8 fala da sabedoria e prudência dele. Em Romanos 16: 27 temos a frase: “Deus único e sábio”, e em 1 Timóteo 1:17 a frase similar: “o sábio e único Deus” (versão do autor). Outras referências e uma excelente exposição delas podem ser encontradas em Stephen Charnock, *The Existence and Attributes of God* (A Existência e os Atributos de Deus), capítulos VII e IX. Desse distinto autor algumas poucas linhas serão incluídas aqui.

Deus conhece a si mesmo, pois seu conhecimento e vontade são a causa de todas as outras coisas; ... Ele é a primeira verdade, e, portanto, é o primeiro objeto de seu entendimento. ... Como ele é todo conhecimento, assim é que tem em si mesmo o mais perfeito objeto do conhecimento. ... Nada é tão inteligível a Deus como ele a si próprio... pois seu entendimento é sua essência, ele mesmo. Deus conhece seu próprio decreto e vontade e, portanto, deve conhecer todas as coisas. ... Ele deve saber aquilo que decretou que há de acontecer. ... Ele o deve saber, pois desejou sua ocorrência ... portanto, ele conhece seus decretos porque sabe aquilo que desejou. O conhecimento de Deus não pode se erigir das coisas em si mesmas, pois então a apreensão delas teria uma causa distinta dele. ...

Assim como Deus vê as coisas possíveis sob a ótica de seu próprio poder, assim também vê aquelas que são futuras, sob a ótica de sua vontade.

Uma grande quantidade do material de Chernock tem como propósito listar aquilo que é objeto do conhecimento de Deus. Aqui, todavia, as citações foram feitas com o propósito de estabelecer que o conhecimento dele depende apenas de sua vontade e de nada que lhe seja externo. Assim, podemos repetir, com Filo, que ele não deve ser colocado como sujeito à idéia de unidade, ou bondade, ou verdade; mas antes, a unidade, bondade e verdade é que devem ser colocadas sob o decreto de Deus.

A lógica é Deus

Espera-se que esses pensamentos sobre a relação de Deus e a verdade sejam pertinentes à discussão da lógica. De qualquer maneira, o assunto que lida com ela pode ser introduzido mais claramente por meio de uma referência a mais um texto das Escrituras. O bem conhecido prólogo do evangelho de João pode ser assim parafraseado: “No princípio era a Lógica, e a Lógica estava com Deus, e a Lógica era Deus... Na lógica estava a vida e a vida era a luz dos homens”.

Esta paráfrase, de fato, esta tradução, pode não apenas soar de forma estranha a ouvidos devotos, mas também de maneira atrevida e ofensiva. Mas o choque traduz apenas a distância que uma pessoa devota guarda da linguagem e do pensamento do grego do Novo Testamento. Por que é ofensivo chamar Cristo de Lógica, quando não o insulta o chamá-lo de Palavra, é algo difícil de explicar. Mas esse é o caso frequentemente. Mesmo Agostinho, por insistir em que Deus é a verdade, foi sujeito à acusação antiintelectualista de “reduzir” Deus a uma proposição. De qualquer forma, o forte intelectualismo da palavra *Logos* é visto em suas variadas formas possíveis de tradução: inteligência, computação, contabilidade (financeira), estima, proporção e razão (matemática), explicação, teoria ou argumento, princípio ou lei, razão, fórmula, debate, narrativa, discurso, deliberação, discussão, oráculo, sentença, e sabedoria.

Qualquer tradução de João 1:1 que obscureça esta ênfase sobre a mente ou razão é uma má tradução. E se qualquer um contesta dizendo que a idéia de *ratio* ou debate obscurece a personalidade da segunda pessoa da Trindade, deve então alterar seu próprio conceito de personalidade. No princípio, portanto, era a Lógica.

Que a Lógica é a luz dos homens é uma proposição que bem poderia introduzir a seção após a próxima, sobre a relação entre a lógica e o homem. Mas o pensamento de que a Lógica é o próprio Deus nos levará à conclusão da presente seção. Não apenas os seguidores de Bernardo abrigavam suspeitas sobre a lógica, mas os teólogos sistemáticos modernos são ainda mais cautelosos sobre qualquer proposta que possa fazer um princípio abstrato superior a Deus. O presente argumento, em consonância com Filo e Chernock, não pretende fazer isso. A lei da contradição não deve ser tomada como um axioma anterior ou independente de Deus. A lei é Deus pensando.

Por esta razão, da mesma forma, a lei da contradição não é subsequente a Deus. Se alguém dissesse que a lógica é dependente do pensamento dele, tratar-se-ia apenas de uma dependência no sentido de que ela constitui a própria maneira dele pensar. Ela não é subsequente no tempo, pois ele é eterno e nunca houve um momento em que tenha

existido sem pensar logicamente. Não se deve supor que sua vontade existiu como uma substância inerte antes dele desejar pensar.

Assim como não há prioridade temporal, não existe também antecedência lógica ou analítica. Não somente a Lógica estava no princípio, mas a Lógica era Deus. Se esta tradução não usual do prólogo de João ainda incomoda alguém, ele poderia, ainda assim, concordar que Deus é Seu próprio pensamento. Ele não é um substrato passivo ou potencial; é realidade ou atividade. Esta é a terminologia filosófica para expressar a idéia bíblica de que Deus é um Deus vivo. Segue-se que a lógica deve ser considerada como a atividade da vontade de Deus.

Embora a teologia de Aristóteles não seja melhor, talvez seja até mesmo pior, que sua epistemologia, ele usou uma frase para descrever Deus que, com uma leve alteração, pode provar ser útil. Ele o definiu como “pensamento-pensando-pensamento”. Aristóteles desenvolveu o significado dessa expressão de maneira a negar a onisciência divina. Mas se nos está nítido que o pensamento cujo pensamento pensa inclui pensamento sobre um mundo a ser criado – em Aristóteles, Deus não tem conhecimento de coisas inferiores a si mesmo – a definição aristotélica de Deus como “pensamento-pensando-pensamento” pode nos ajudar a entender que a lógica, a lei da contradição, não é nem anterior nem subsequente à atividade de Deus.

Tal conclusão pode incomodar alguns pensadores analíticos. Eles podem tentar separar a lógica e Deus. Ao fazer isso, reclamariam dizendo que a presente construção absorve dois axiomas em um. E se são dois, um deve ser anterior; em tal caso deveríamos aceitar ou a Deus sem a lógica, ou a está sem aquele; e o outro a seguir. Mas essa não é a proposição aqui estabelecida. Deus e a lógica são um e o mesmo princípio, pois João escreveu que a Lógica era Deus. Por hora esse tanto de informação deve ser suficiente para indicar a relação de Deus com a lógica. Passemos agora àquilo que, no início, parecia ser a questão mais pertinente em relação à lógica e as Escrituras.

A lógica e as Escrituras

Há um pequeno mal entendido que pode ser facilmente posto de lado antes da discussão sobre a relação da lógica com as Escrituras. Alguém com um senso de história bastante vivo poderia se perguntar o porquê das Escrituras e a revelação serem igualadas, quando a fala direta de Deus a Moisés, Samuel, e os profetas é muito mais claramente revelação.

Esta observação se torna possível simplesmente por causa de uma redução prévia. É claro que a fala de Deus para Moisés consistiu em revelação, de fato, revelação *par excellence*, se assim se preferir. Mas nós não somos Moisés. Portanto, se o problema é explicar como nós podemos saber em nossos dias, ninguém pode se utilizar da experiência pessoal de Moisés. Hoje nós temos as Escrituras. Como diz a Confissão de Fé de Westminster: “... foi o Senhor servido... revelar-se e à sua vontade... e, depois, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna a Escritura Sagrada indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade a seu povo”. O que Deus disse a Moisés está registrado na Bíblia; as palavras são idênticas; a revelação é a mesma.

Nisto pode ser antecipada a relação entre a lógica e a Escritura Sagrada. Em primeiro lugar, a Escritura, as palavras escritas da Bíblia, é a mente de Deus. O que é dito nas Escrituras é o pensamento de Deus. Nas polêmicas religiosas contemporâneas, a visão bíblica da Bíblia, a posição histórica da Reforma, ou – o que dá na mesma – a doutrina da inspiração plenária e verbal, é castigada como sendo bibliolatria. Os liberais acusam os luteranos e os calvinistas de adorarem um livro em vez de Deus. Aparentemente, eles pensam que nós dobramos os joelhos à Bíblia sobre o púlpito, e nos ridicularizam por beijarmos o anel de um papa de papel.

Esta caricatura se origina de um giro materialista da mente; um materialismo que pode não ser aparente em outras discussões, mas que vem à tona quando eles direcionam o seu fogo contra o fundamentalismo. Eles pensam que a Bíblia é um livro material, que contém papel, e uma capa de couro. Que o seu conteúdo é o próprio pensamento de Deus, expresso em Suas próprias palavras, é uma posição em relação à qual eles são tão antagonistas que não podem nem mesmo admitir que esta seja a posição de um fundamentalista.

Não obstante, mantemos que a Escritura Sagrada expressa a mente de Deus. Conceitualmente é a mente dEle, ou, mais precisamente, uma parte dela. Por tal razão o apóstolo Paulo, referindo-se à revelação dada a ele, e de fato dada aos coríntios por meio dele, é capaz de dizer: “Nós temos a mente de Cristo”. Também em Filipenses 2:5 ele os exorta: “Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Tem o mesmo propósito sua modesta declaração em 1 Coríntios 7: 40: “e eu penso que também tenho o Espírito de Deus”.

A Bíblia, por conseguinte, é a mente ou o pensamento de Deus. Não é um fetiche físico, como um crucifixo. E eu duvido que possa ter existido um fundamentalista ignorante o suficiente para orar a um livro preto com margem vermelha. Similarmente, a acusação de que a Bíblia é um papa de papel perde o ponto pela mesma razão. As Escrituras consistem de pensamentos, não papel; e tais pensamentos são aqueles do Deus onisciente e infalível, não os de Inocência III.

Sobre esta base, qual seja, que a Escritura é a mente de Deus, sua relação com a lógica pode ser facilmente clareada. Como é de se esperar, se Deus falou, o fez logicamente. As Escrituras, portanto, deveriam exibir e, de fato, exibem organização lógica.

Por exemplo, Romanos 4: 2 é um silogismo hipotético entimemático destrutivo. Romanos 5:13 é um silogismo hipotético construtivo. 1 Coríntios é um sorites. Obviamente, exemplos de formas lógicas padrão tais como esses poderiam ser listados abundantemente.

É claro que há, na Bíblia, muitas passagens que não são silogísticas. As seções históricas são em grande parte narrativas. Ainda assim, toda sentença declarativa é uma unidade lógica. Essas sentenças são verdadeiras; como tal, são objetos do conhecimento. Cada uma delas tem, ou talvez deveríamos dizer, cada uma delas é um predicado ligado a um sujeito. Apenas dessa maneira podem elas mostrar significado.

Mesmo em palavras isoladas, mais claramente observadas nos casos de nomes e verbos, a lógica está impregnada. Se as Escrituras dizem: “Davi foi rei de Israel”, não

significa que ele foi rei da Babilônia; e, certamente, não quer dizer que Churchill foi Primeiro Ministro da China. Equivale a dizer, as palavras *Davi*, *Rei*, e *Israel* têm um significado próprio.

A velha calúnia de que a Bíblia é um bico de cera e que a interpretação é infinitamente elástica é claramente errada. Se não existissem limites à interpretação, poderíamos interpretar a própria calúnia como uma aceitação da inspiração verbal e plenária. Mas visto que ela não pode ser assim interpretada, assim também não pode o nascimento virginal ser entendido como um mito, nem a ressurreição como símbolo da primavera. Sem dúvida que há algumas coisas difíceis de ser entendidas as quais os ignorantes distorcem para sua própria destruição, mas elas não são maiores do que as que encontramos em Aristóteles e Plotinos, e contra esses filósofos não são dirigidas tais calúnias. Além do mais, apenas algumas coisas são difíceis. A despeito disso tudo, os Protestantes têm insistido na perspicuidade (clareza) das Escrituras.

Nem precisamos perder tempo repetindo a explicação de Aristóteles em relação a palavras ambíguas. O fato de que uma palavra precisa significar uma coisa e não o seu contraditório é a evidência da lei da contradição em toda linguagem racional.

A exibição da lógica fixada na Escritura explica por que esta, em vez da lei da contradição, é selecionada como o axioma. Se assumíssemos meramente a lei da contradição, não seríamos melhores do que Kant foi. Sua noção de que o conhecimento requer categorias *a priori* merece grande respeito. De uma vez por todas, de uma maneira positiva – o complemento do modo negativo e não intencional de Hume – Kant demonstrou a necessidade de axiomas, pressuposições, ou equipamentos *a priori*. Mas este *sine qua non* não é suficiente. Portanto, a lei da contradição como tal e em si mesma não é tomada como o axioma desse argumento.

Por uma razão similar, Deus, enquanto distinto das Escrituras, não é considerado o axioma desse argumento. Sem dúvida, este desvio parecerá estranho a muitos teólogos. Assim poderá ser especialmente em razão da ênfase anterior sobre a mente de Deus como a origem de toda a verdade. Não deveria ser Ele o axioma? Por exemplo, o primeiro artigo da Confissão de Augsburg nos mostra a doutrina de Deus, e a doutrina das Escrituras é discutida nos próximos cinco. A Confissão Belga assume a mesma forma. A Confissão Escocesa de 1560 começa com Deus e trata da Bíblia apenas no artigo dezenove. Os Trinta e Nove Artigos começam com a Trindade, e a Escritura Sagrada vem em seu artigo seis e seguintes. Se Deus é soberano, parece bem razoável colocá-Lo em primeiro lugar dentro do sistema.

Mas diversos outros credos, e, especialmente, a Confissão de Fé de Westminster, coloca a doutrina das Escrituras logo no início. A explicação é muito simples: nosso conhecimento de Deus vem da Bíblia. Podemos asseverar que toda proposição é verdadeira porque Deus a pensa dessa forma, e podemos acompanhar Charnock em todos os seus grandes detalhes, mas o todo é fundado na Escritura Sagrada. Suponha que assim não fosse. Então “Deus”, como um axioma, à parte da Bíblia, é tão somente um nome. Devemos especificar de qual deus estamos tratando. O melhor sistema conhecido é o de Spinoza. Para ele, todos os teoremas são deduzidos do *Deus sive Natura*. Mas é a *Natura* que identifica o deus de Spinoza. Diferentes deuses poderiam ser tomados como axiomas de outro sistema. Assim, o mais importante não é pressupor Deus, mas definir a mente daquele que é pressuposto. Portanto, a Escritura aqui é

oferecida como o axioma. Isto nos dá certeza e conteúdo, sem o que axiomas são inúteis.

Dessa forma é que Deus, a Bíblia, e a lógica estão atadas. Os pietistas não deveriam contestar dizendo que a ênfase sobre a lógica é uma deificação de uma abstração, ou da razão humana divorciada de Deus. O destaque sobre a lógica está em estrito acordo com o prólogo de João e nada mais é do que o reconhecimento da natureza de Deus.

Não parece peculiar, nesse sentido, que um teólogo possa ser tão fortemente ligado à doutrina da expiação, ou um pietista à idéia da santificação, que, não obstante, é explicada somente em algumas partes da Escritura, e ainda assim ser hostil ou suspeitar da racionalidade e da lógica, que são exibidas em todos os versículos da Bíblia?

A Lógica no Homem

Com esse entendimento da mente de Deus, o próximo passo é a criação do homem à imagem dele. Os animais irracionais não foram criados à imagem de Deus; mas ele soprou seu espírito sobre a forma humana e Adão se tornou um tipo de alma superior à dos animais.

Para ser preciso, não se deve falar da imagem de Deus no homem. O homem não é algo no qual, em algum lugar, a imagem de Deus pode ser encontrada, juntamente com outras coisas. O homem *é* a imagem. Isto, é claro, não se refere ao seu corpo. O corpo é um instrumento ou ferramenta que o homem usa. Ele, em si mesmo, é o sopro de Deus, o espírito deste soprado no barro, a mente, o ego pensante. Portanto, o homem é racional à semelhança da racionalidade de Deus. Sua mente é estruturada como a lógica aristotélica a descreve. Por isso é que cremos que os *speniels* têm dentes.

Somados aos muito bem conhecidos versículos no capítulo um, Gênesis 5:1 e 9:6 repetem tal idéia. 1 Coríntios 11: 7 diz: “o homem... é a imagem e glória de Deus”. Ver também Colossenses 3:10 e Tiago 3 9. Outros versículos, não tão explicitamente, acrescentam detalhes à nossa informação. Compare Hebreus 1:3; 2:6-8, e o Salmo 8. Mas a consideração conclusiva é que por toda a Bíblia como um todo o Deus racional dá ao homem uma mensagem inteligível.

É estranho que qualquer um que pense ser cristão deprecie a lógica. Tal pessoa, é claro, não deseja depreciar a mente de Deus; mas ela pensa que a lógica no homem é pecaminosa, até mesmo mais do que outras partes afetadas por sua natureza caída. Isso, todavia, não faz sentido. A lei da contradição não pode ser pecaminosa. Muito pelo contrário, são nossas violações dessa lei que são pecaminosas. Ainda assim, as críticas que alguns devotos escritores fazem à “mera lógica humana” são incríveis. Pode tal estupidez piedosa realmente querer dizer que um silogismo que é válido para nós é inválido para Deus? Se dois mais dois é quatro em nossa aritmética, acaso Deus tem outra aritmética diferente na qual dois mais dois seja três ou cinco?

O fato que o Filho de Deus é a razão de Deus – pois Cristo é a sabedoria de Deus, assim como o seu poder – adicionado ao fato que a imagem no homem é a assim

chamada “razão humana”, é suficiente para mostrar que essa “razão humana” não é tão humana quanto o é divina.

É claro, as Escrituras dizem que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos e que seus caminhos não são os nossos caminhos. Mas seria uma boa exegese afirmar que sua lógica, sua aritmética, e sua verdade não são as nossas? Se tal fosse o caso, quais seriam as conseqüências? Significaria que não apenas nossas adições e subtrações seriam todas falsas, mas também todos os nossos pensamentos. Se, por exemplo, pensarmos que Davi foi rei de Israel, e que os pensamentos de Deus não são os nossos, então segue que Deus não pensa que Davi foi rei de Israel. Na mente de Deus, possivelmente ele era o Primeiro Ministro da Babilônia.

A fim de evitar esse irracionalismo, que, é óbvio, não passa de uma negação da imagem divina, devemos insistir que a verdade é a mesma para o homem e para Deus. Naturalmente, podemos não saber a verdade sobre certos assuntos. Mas se sabemos de algo de qualquer forma, o que sabemos deve ser idêntico ao que Deus sabe. Deus sabe toda a verdade, e a menos que saibamos algo que ele saiba, nossas idéias são falsas. É absolutamente essencial, portanto, insistir que existe uma área de coincidência entre a mente de Deus e a nossa.

Lógica e Linguagem

Este ponto nos leva à questão central sobre a linguagem. A linguagem não se desenvolveu a partir das necessidades físicas da vida terrena, nem foi seu propósito se restringir a elas. Deus deu a Adão uma mente para entender a lei divina, e lhe deu a linguagem a fim de capacitá-lo para falar com Deus. Desde o princípio, a linguagem foi pretendida para a adoração. Em *Te Deum*,² por meio da linguagem, e a despeito do fato de ser cantada em música, prestamos “cumprimentos metafísicos” a Deus. O debate sobre a adequabilidade da linguagem para expressar a verdade de Deus é uma falsa questão. Palavras são meramente símbolos ou sinais. Qualquer sinal poderia ser adequado. O verdadeiro ponto é: Tem o homem a idéia a ser simbolizada? Se ele pode pensar sobre Deus, então pode usar o som *Deus, God, Theos, ou Elohim*. As palavras não fazem diferença; o sinal é *ipso facto* literal e adequado.

A visão cristã é que Deus criou Adão como uma mente racional. A estrutura da mente de Adão era a mesma de Deus. Deus pensa que afirmar o conseqüente é uma falácia; e a mente de Adão foi formada em sujeição aos princípios da identidade e da contradição. Esta visão cristã de Deus, do homem, e da linguagem não se ajusta a nenhum tipo de filosofia empírica. Trata-se, ao contrário, de um tipo de racionalismo *a priori*. A mente do homem não é inicialmente um vazio. Ela é estruturada. De fato, vazio desestruturado não é, de qualquer modo, uma mente. Nem poderia alguma folha de papel em branco extrair qualquer lei universal de lógica a partir da experiência finita. Nenhuma proposição universal e necessária pode ser deduzida por meio da observação sensorial. Universalidade e necessidade podem ser tão somente *a priori*.

² Nota do tradutor: Hino litúrgico atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, iniciado com as palavras “Te Deum Laudamus” (A Ti, ó Deus, louvamos). Segundo a tradição, este hino foi improvisado na Catedral de Milão num arroubo de fervor religioso desses santos.

Isso não equivale a dizer que toda verdade pode ser deduzida a partir da lógica apenas. Os racionalistas do século dezessete deram a si mesmos uma tarefa impossível. Mesmo se o argumento ontológico for válido, é impossível deduzir *Cur Deus Homo*,³ a Trindade, ou a ressurreição final. Os axiomas aos quais as formas lógicas *a priori* devem ser aplicadas são as proposições que Deus revelou a Adão e posteriormente aos profetas.

Conclusão

A lógica é insubstituível. Não é uma tautologia arbitrária, um sistema proveitoso entre tantos outros. Vários sistemas de catálogo de livros e de bibliotecas são possíveis, e diversos são igualmente convenientes. Eles são todos arbitrários. História pode ser designada por 800 tanto quanto por 500, mas não há substituto para a lei da contradição. Se cachorro é o equivalente de não-cachorro, e se $2=3=4$, não apenas a zoologia e a matemática desaparecem, Victor Hugo e Johann Wolfgang Goethe também desaparecem. Esses dois homens são exemplos particularmente apropriados, pois eles são ambos, e especialmente Goethe, romancistas. Mesmo assim, sem a lógica, Goethe não poderia ter atacado a lógica do evangelho de João (I, 1224-1237).

Geschrieben steht: “Im anfang war das Wort!”
Hier stock ich schin! Wer hilft mir weiter fort?

Mir hilft der Geist! Auf einmal seh´ ich Rath
Und scheid´ getrost: “Im anfang war die That!”*

Mas Goethe pode expressar sua rejeição do *Logos* divino de João 1: 1, e também a sua aceitação da experiência romântica, apenas por meio do uso da Lógica que ele despreza.

Para repetir, mesmo que seja cansativo: a lógica é fixa, universal, necessária, e insubstituível. A irracionalidade contradiz o ensino bíblico do início ao fim. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó não é insano. Ele é um ser racional, a arquitetura de cuja mente é a lógica.

*Está escrito: “No princípio era o Verbo!”
Aqui já estou paralisado! Quem pode me ajudar a ir avante?

O espírito me ajuda! De repente vejo a resposta
E escrevo confidentemente: No princípio era a Ação!” – *Editor* (John W. Robbins)

Fonte: *Logic*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 112-125.

³ Nota do tradutor: Livro escrito por Anselmo de Cantuária (1033-1109), cuja tradução seria “Por que Deus se fez Homem?”.